

Quatro textos sobre a intolerância  
A perseguição religiosa no início da Modernidade

FRANÇOIS DE LA CHAISE; PIERRE JURIEU; JONAS PROAST



*Organização, tradução, introdução e notas*

Flavio Fontenelle Loque



ASSOCIAÇÃO FILOSÓFICA SCIENTIÆ STUDIA  
São Paulo, 2022

ASSOCIAÇÃO FILOSÓFICA SCIENTIÆ STUDIA

DIRETORIA EDITORIAL

Pablo Rubén Mariconda (USP-Br)

VICE-DIRETORIA EDITORIAL

Plínio Junqueira Smith (Unifesp-Br)

Sylvia Gemignani Garcia (USP-Br)

CONSELHO EDITORIAL

Antonio Augusto Passos Videira (UFRJ-Br)

Eduardo Alejandro Barrio (UBA-Ar)

Eleonora Orlando (UBA-Ar)

Gustavo Andrés Caponi (UFSC-Br)

Hugh Lacey (Swarthmore College-EUA)

Ivan Domingues (UFMG-Br)

Jelson Oliveira (PUCPR-Br)

João Príncipe (UE-Pt)

Jose Diez (UB-Esp)

José Luís Garcia (UL-Pt)

Leopoldo Waizbort (USP-Br)

Luciana Zaterka (UFABC-Br)

Marco Antonio de Ávila Zingano (USP-Br)

Marcos Barbosa de Oliveira (USP-Br)

Maria Cecília Leonel Gomes dos Reis (UFABC-Br)

Olival Freire (UFBA-Br)

Oswaldo Pessoa Junior (USP-Br)

Pablo Lorenzano (UNQ-Ar)

Patrícia Kauark (UFMG-Br)

Paulo Faria (UFRS-Br)

Roberto Bolzani Filho (USP-Br)

Silvia Alejandra Manzo (UNLP-Ar)

Silvio Seno Chibeni (Unicamp-Br)

Vicente Sanfélix-Vidarte (UV-Esp)

**Copyright © Associação Filosófica Scientiae Studia, 2022**

Direção editorial: Pablo Rubén Mariconda

Design editorial e Capa: Leticia Freire

Diagramação e tratamento de imagem: Leticia Freire e Gabriela Grizzo.

Revisão: Claudemir Roque Tossato e Paulo Tadeu da Silva

Esta capa foi elaborada usando como referência a sátira *Uma quaker*, c. 1665-75, atribuída ao gravurista Richard Gaywood (fl. 1644-1677). A sátira retrata uma mulher sob a influência do diabo e consiste em uma forma típica de depreciação dos dissidentes: a demonização. Obra em domínio público. Museu Britânico, *Department of Prints and Drawings*, BM Satires, n. 158. Disponível pelo link [https://www.britishmuseum.org/collection/object/P\\_1870-0514-305-](https://www.britishmuseum.org/collection/object/P_1870-0514-305-)

## **Coleção Domínio Público**

Editores: Claudemir Roque Tossato

Pablo Rubén Mariconda

Paulo Tadeu da Silva

Plínio Junqueira Smith

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Quatro textos sobre a intolerância : a perseguição religiosa no início da modernidade / organização, tradução, introdução e notas Flávio Fontenelle Loque. -- São Paulo : Scientiae Studia, 2022. -- (Coleção Domínio Público)

**Bibliografia.**

ISBN 978-65-86595-06-2

1. Filosofia 2. Intolerância 3. Jurieu, Pierre, 1637-1713 4. La Chaise, François de, 1624-1709 5. Modernidade - Filosofia 6. Jonas, Proast, 1640-1710 I. Loque, Flávio Fontenelle. II. Série.

22-108489

CDD-100

#### **Índices para catálogo sistemático:**

1. Filosofia 100

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



Associação Filosófica *Scientiae Studia*

Rua Doutor Cícero de Alencar, 131

05580-080 – São Paulo, SP

[www.scientiaestudia.org.br](http://www.scientiaestudia.org.br)

## SUMÁRIO

Prefácio • 7

Introdução. Verdade e intolerância • 13

1 Agostinho e a revogação do Edito de Nantes • 18

2 Jurieu e o dever de conhecer a verdade • 24

3 Proast, a utilidade da força e a completa segurança • 33

4 A filosofia da perseguição • 41

Quatro textos sobre a intolerância

Conformidade da conduta da Igreja da França para reconduzir os protestantes com a da Igreja da África para reconduzir os donatistas à Igreja Católica. FRANÇOIS DE LA CHAISE • 51

Dos direitos dos dois soberanos em matéria de religião. PIERRE JURIEU • 65

O argumento da *Carta sobre a tolerância* brevemente analisado e respondido. JONAS PROAST • 125

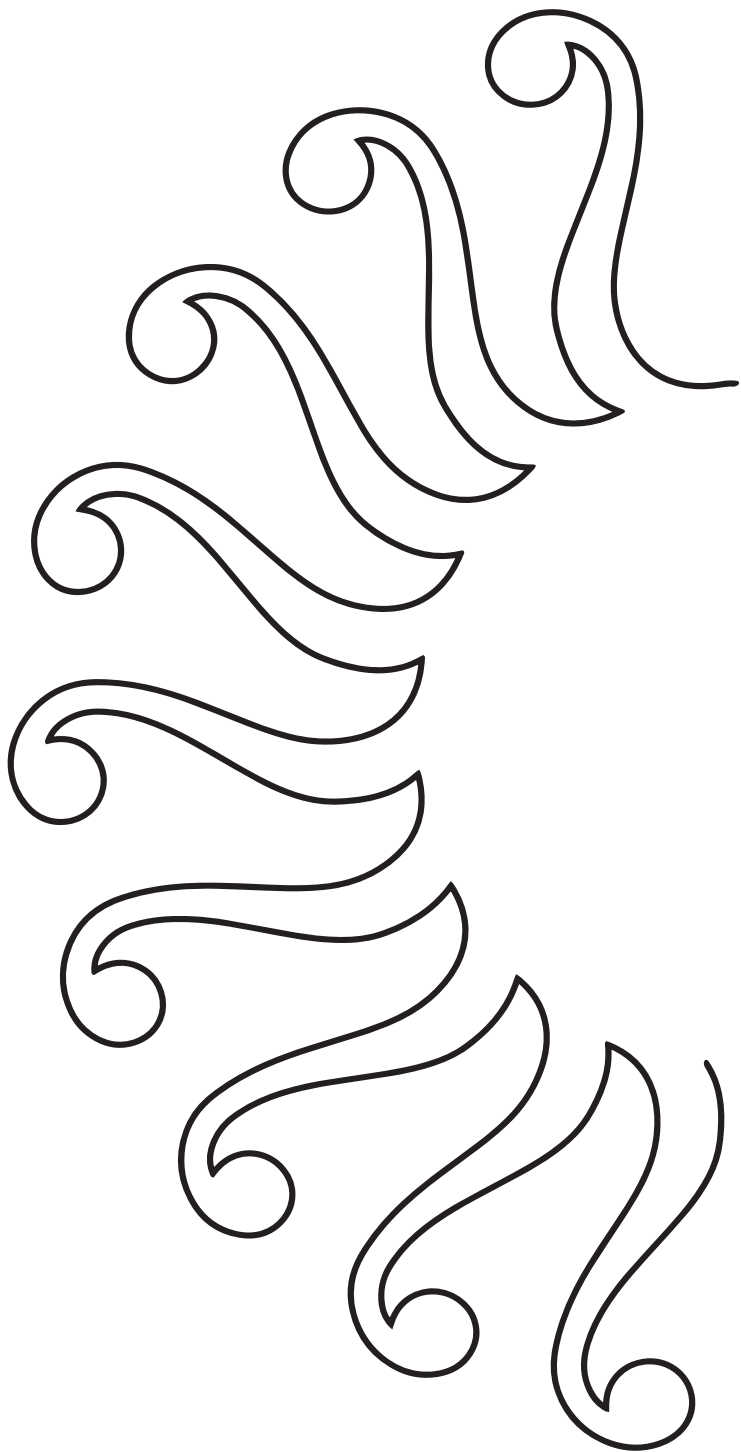
Uma segunda carta ao autor das três cartas sobre a tolerância. JONAS PROAST • 151

Notas aos Quatro textos sobre a intolerância • 173

Referências bibliográficas • 191

Índice de termos • 203

Índice de nomes • 205



## PREFÁCIO

O presente livro contém um conjunto de textos inéditos em português. Nos estudos sobre a tolerância no início da Modernidade, são bastante discutidos os clássicos sobre o tema: o *Comentário filosófico* (1686-1688) de Pierre Bayle (1647-1706) e a *Carta sobre a tolerância* (1689) de John Locke (1632-1704). Quase desconhecidas, porém, são as obras que defendiam a intolerância, mesmo sendo esta a posição então predominante. Vistas de modo depreciativo, essas obras não têm seu significado filosófico reconhecido, o que impede o devido entendimento da cosmovisão e dos argumentos dos intolerantes. A intolerância não se reduzia – e também hoje não se reduz – simplesmente ao ódio ou à ignorância e, por isso, compreender a perseguição requer que se leve em conta algo mais: os discursos que pretendem justificar os atos de violência contra os grupos perseguidos. Para adquirir influência política, a intolerância precisa estar ancorada em algum tipo de “teoria” à luz da qual ganha sentido e, via de regra, tenta ocultar-se sob o véu da pureza, da unidade, da caridade ou de qualquer outro valor. Foi assim com o nazismo, foi assim com o chamado racismo científico, foi assim também com as perseguições religiosas no início da Modernidade. No caso dos textos aqui selecionados, cujos fundamentos conceituais remontam a Agostinho (354-430), articulam-se uma compreensão do Cristianismo, uma visão da estabilidade política e uma concepção de erro que conduzem à afirmação de que compete ao Estado a tarefa de

promover a verdadeira religião. Em última instância, a pretensão dos apologetas da intolerância era provar que é legítimo o Estado legislar – e, portanto, coagir – com base em preceitos religiosos.

A seleção dos textos que compõem o presente livro se pautou por dois critérios: amplitude confessional e relevância teórica. Com o objetivo de constituir um quadro consistente das apologias da intolerância no início da Modernidade, encontram-se aqui reunidas obras das tradições católica, calvinista e anglicana que retomam ou confrontam as grandes referências conceituais relativas ao tema. A primeira obra, a *Conformidade da conduta da Igreja da França para reconduzir os protestantes com a da Igreja da África para reconduzir os donatistas à Igreja Católica* (1685) do jesuíta François de La Chaise (1624-1709), apropria-se explicitamente da *Carta a Vicente* (408) e da *Carta a Bonifácio* (417) de Agostinho, as quais contêm o núcleo da mais sofisticada defesa da intolerância elaborada pelos Pais da Igreja. As outras obras, os capítulos 8-11 e 13 do livro *Dos direitos dos dois soberanos em matéria de religião* (1687) do calvinista Pierre Jurieu (1637-1713) e os opúsculos *O argumento da “Carta sobre a tolerância” brevemente analisado e respondido* (1690) e *Uma segunda carta ao autor das três cartas sobre a tolerância* (1704) do anglicano Jonas Proast (c. 1642-1710), criticam o *Comentário filosófico* de Bayle e a *Carta sobre a tolerância* de Locke, sem dúvida as mais célebres defesas da tolerância escritas no início da Modernidade.

As traduções se baseiam nas edições originais, sempre com o cotejo com as publicações contemporâneas,

exceto no caso da *Conformidade*, cuja única edição existente é a do século XVII. Assim, quanto ao *Dos direitos dos dois soberanos em matéria de religião*, consultou-se a edição feita por Barbara de Negroni e o extrato da obra, contendo os capítulos 8, 9 e 13, introduzido e anotado por Jean-Fabien Spitz. No caso de *O argumento* e da *Segunda carta*, foram consultadas as edições de Mark Goldie e de Richard Vernon. As notas de rodapé almejam fornecer informações conceituais e históricas indispensáveis. Em muitos casos, elas indicam as fontes de referências pouco evidentes. Sempre nas notas, buscou-se também estabelecer a correspondência entre a paginação dos originais e suas traduções para o português, mesmo quando estas não foram seguidas, caso do *Comentário filosófico* (Bayle, 2019) e da *Terceira carta sobre a tolerância* (Locke, 2004). Com o intuito de contribuir para a compreensão dos textos, cada um deles é antecedido por uma sinopse de sua origem e sentido.

O presente livro possui ainda uma introdução, cujo propósito é fornecer um panorama sobre a tolerância e a intolerância no início da Modernidade bem como propor uma interpretação das obras aqui traduzidas, destacando o já mencionado legado agostiniano. Almeja-se assim salientar os pontos de confluência entre as apologias da intolerância e sintetizar seus principais argumentos, os quais são então contrapostos às objeções com que os autores tolerantistas, notadamente Bayle e Locke, haveriam de refutá-los. Ao final do presente livro, para facilitar a identificação de passagens e de referências, encontram-se dois índices: um de nomes, outro de termos.



## AGRADECIMENTOS

Mais uma vez, agradeço ao professor José Raimundo Maia Neto, meu orientador por muitos anos, pelos comentários sempre elucidativos em vários estágios da elaboração deste livro. A meu amigo Hélio Dias, que fique registrado meu agradecimento pela sua leitura e comentários, para mim imprescindíveis, de todos os meus trabalhos. Pela leitura e comentários, agradeço também a Natália Tavares Campos, João Cortese e Lucas Petroni. Meu muito obrigado a Daniel Arelli, Roberta Miquelanti, Júlio César Terra e Pedro Vianna Faria por terem cedido parte de seu tempo em Berlim, Paris, Montreal e Cambridge para me encaminhar livros e artigos. Ao professor Jean-Robert Armogathe, agradeço o envio do verbete do *Dicionário de Port-Royal* relativo a Goibaud Dubois. Sou muito grato aos professores que compuseram a banca de defesa da minha tese de doutorado, da qual uma primeira versão deste livro foi um anexo: Eunice Ostrensky, Telma Birchal, Antônio Carlos dos Santos e Helton Adverse. Ao professor Mark Goldie, agradeço a generosidade de me esclarecer por email algumas dúvidas acerca dos textos de Proast e de me indicar o caminho para o acesso às edições originais. Com alegria, registro ainda meu agradecimento ao professor Ian Harris, com quem pude conversar longamente sobre a tolerância (em particular sobre Locke) durante meu doutorado sanduíche na Universidade de Leicester. À Ana Cláudia R. Ribeiro, sempre tão gentil, agradeço pela tradução das passagens em latim. Ao Jacyntho Lins Brandão,

exemplo de erudição e leveza, agradeço pelo esclarecimento acerca da fonte da alusão feita por Jurieu ao louco de Atenas. Ao Pablo Rubén Mariconda e ao Plínio Smith, agradeço a acolhida na *Scientiae Studia*, mas devo ao Plínio um agradecimento particular pela ótima leitura do manuscrito final e pelas importantes sugestões feitas.

*Lavras, março de 2022.*

## Quatro textos sobre a intolerância

Conformidade da conduta da Igreja da França para reconduzir os protestantes com a da Igreja da África para reconduzir os donatistas à Igreja Católica

FRANÇOIS DE LA CHAISE

\*\*\*\*\*

Dos direitos dos dois soberanos em matéria de religião, a consciência e o príncipe. Para destruir o dogma da indiferença das religiões e da tolerância universal. Contra um livro intitulado “Comentário filosófico sobre as palavras da parábola *obriga-os a entrar*”

PIERRE JURIEU

\*\*\*\*\*

O argumento da *Carta sobre a tolerância* brevemente analisado e respondido

JONAS PROAST

\*\*\*\*\*

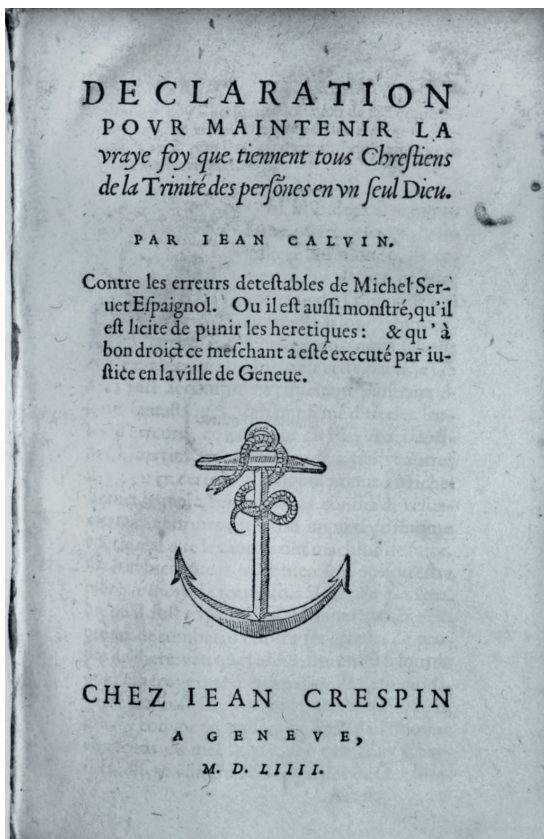
Uma segunda carta ao autor das três cartas sobre a tolerância

JONAS PROAST



**Figura 1:** Medalha, 1572. Marco na história da intolerância na Europa, a Noite de São Bartolomeu (23-24 de agosto de 1572) foi um massacre de protestantes que ocorreu em Paris, estendeu-se pelo interior e, por fim, deu início a uma nova leva de guerras civis na França. À parte os mortos na guerra, contam-se talvez dez mil vítimas (cf. Jouanna, 1996, p. 473). Em comemoração a esse episódio, o papa Gregório XIII mandou cunhar uma medalha que, em uma das faces, traz um anjo com uma cruz e uma espada atacando os huguenotes. Em latim, nessa mesma face, lê-se: *Ugonottorum Strages 1572*, “massacre dos huguenotes 1572”. Obra em domínio público. Medalhista: Gianfederico Bonzagna (1507-1588). Acervo do Museu Britânico (*Department of Coins and Medals*, M. 1384).





**Figura 2:** *Declaração para manter a verdadeira fé*, livro de João Calvino (1509-1564) publicado em 1554 no qual se pretende mostrar “que é lícito punir os heréticos” e que Michel Servet (c. 1511-1553), por recusar a trindade, foi com justiça condenado a ser queimado vivo. Obra em domínio público. Um exemplar original encontra-se no acervo da Biblioteca Estadual da Baviera (*Bayerische Staatsbibliothek*, BSB), Munique.



**Figura 3:** A destruição da heresia (*Almanaque para o ano 1686*). Publicado em Paris, o *Almanaque* contém uma rica ilustração celebrando a revogação do Edito de Nantes. Na parte superior, Luís XIV encontra-se ladeado, à esquerda, pelo zelo divino (com espada em punho e cabeça envolta em labaredas) e pela religião (elevando um cálice e sustentando a cruz) e, à direita, pela piedade (com mãos unidas em oração). A seguir, veem-se: François de La Chaise, o chanceler Michel Le Tellier (1603-1685), um dos artífices da revogação do Edito de Nantes, François Harlay de Champvallon, o arcebispo de Paris, e alguns deputados do clero, sobre os quais o Espírito Santo lança suas luzes. Na parte inferior, no pedestal contendo as informações relativas ao ano de 1686, a verdade ilumina e desmascara a heresia. Na base do *Almanaque*, à esquerda, a representação da abjuração dos protestantes; à direita, da demolição de seus templos, uma das medidas do Edito de Fontainebleau. Obra em domínio público. Acervo da Gallica, Biblioteca Nacional da França (RESERVE, QB-201 (171)-FT 5 [Hennin, 5477]).

**LE ROY DE FRANCE.**  
*L'Homme immortel Chef de la S<sup>te</sup> Ligue.*



*Mon soleil par sa force eclaira l'heretique ,  
Il chassa tout d'un coup les brouillards de Calvin :  
Non pas par un Zele divin ,  
Mais a fin de cacher ma fine Politique .*

**Figura 4:** *O Rei da França*. Sátira de Luís XIV publicada anonimamente em Paris em 1691 na obra *Os heróis da liga*. Note-se o tom soturno da imagem, particularmente da tocha, que mais obscurece do que ilumina. Nos versos que acompanham a sátira, lê-se: “Meu sol por sua força iluminou o herético. / Ele dissipou numa tacada as brumas de Calvino: / Não por um zelo divino / Mas para esconder minha fina política”. Obra em domínio público. Um exemplar original e um conjunto de doze desenhos coloridos autênticos fazem parte do acervo da Universidade de Leiden, Holanda.



**Figura 5:** *O Comitê ou o papismo mascarado*, 1680. Concebida por Roger L'Estrange (1616-1704), realista e censor, a sátira representa o perigo da subversão da Coroa e da Igreja Anglicana pelos dissidentes, onde se infere que a tolerância não lhes deveria ser concedida. A destacar: a reivindicação dos puritanos por uma “reforma completa” (letra G); o comitê com integrantes de diferentes seitas não-conformistas reunidos na mesa ao centro (letra D) e incentivados pelo papa que diz, em francês, “coragem, meus filhos” (letra C); uma mulher segurando a cabeça de um clérigo que vomita alguns símbolos da Igreja Anglicana, como o *Livro de Oração Comum* (letra H). Obra em domínio público. Acervo do Museu Britânico (*Catalogue of Political and Personal Satires, Department of Prints and Drawings*), BM Satires, n. 1081.



## **Títulos da Coleção Domínio Público**

*Formalismo matemático e representação física*, de Guido Beck (2022). Tradução, introdução, notas e apêndice por Antonio Augusto Passos Videira & Rafael Velloso Luz.

### **Quem somos?**

A Associação Filosófica Scientiae Studia nasceu em 2004, fundada por um grupo de pesquisadores e estudantes movidos por questionamentos sobre os modos de conduzir e produzir ciência no mundo. Em quase duas décadas de existência, consolidou-se editorialmente com o periódico latino-americano homônimo e mais de 15 títulos publicados.

SAIBA MAIS EM

**[www.scientiaestudia.org.br](http://www.scientiaestudia.org.br)**

**Compre seu exemplar pelo e-mail  
[vendas@scientiaestudia.org.br](mailto:vendas@scientiaestudia.org.br)**



### **COLEÇÃO DOMÍNIO PÚBLICO**

Este livro foi editado e composto em Filosofia entre o verão e o outono de 2022, terceiro ano da pandemia do COVID-19; 336 anos após a publicação das duas primeiras partes do *Comentário Filosófico* e 333 anos após a publicação da *Carta sobre a tolerância*. Impresso em papel pólen soft 80g/m<sup>2</sup> pela gráfica Eskenazi.